

JUVENTUDES E CIDADE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO FILME LINHA DE PASSE

Lucia Helena Ramos da Silva- UFPE

(lucinhavida@hotmail.com)

Jaileila Menezes - UFPE

(leilaufrj@hotmail.com)

1. Contexto do filme

O filme linha de Passe dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas tem como núcleo central a trama de uma empregada doméstica com quatro filhos que mora num bairro de periferia da grande cidade de São Paulo. Apresenta os seguintes atores e personagens no elenco: **JoãoBaldasserini (Dênis); ViníciusdeOliveira (Dario); José Geraldo Rodrigues (Dinho); Kaique de Jesus Santos (Reginaldo) e Sandra Corveloni (Cleuza)**. Embora reflita o ambiente familiar, a família se constitui pela ausência paterna e sua luta cotidiana para atingir a sobrevivência. O título do filme faz alusão ao futebol onde reflete situações de impedimento ou autorização para o lance, seja para o gol, seja para um passe a outro jogador. No cotidiano as experiências apontam para estes tipos de relações onde o tempo todo estamos nos confrontando com impedimentos ou inserções a partir das nossas escolhas e decisões. O contexto é a cidade de São Paulo com seus 22 milhões de habitantes, 300 mil moto-boys e 200 km de engarrafamento traduz os novos sentidos que as cidades contemporâneas trazem nas relações temporais e sociais

2. Juventude em foco

Neste artigo iremos fazer uma análise sobre as questões que envolvem a juventude e a relação com a cidade, tendo como referência teórica, autores como Castro, Melucci, Sposito, Groppo e Abramo. Esses autores fazem alusão à juventude como categoria social sendo ao mesmo tempo uma representação sócio-cultural e uma situação social, assim entendida como: “concepção, representação ou criação simbólica, fabricadas pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (Groppo, 2000, p.8). Muitos estudos realizados no Brasil alertam sobre as consequências que as mudanças da sociedade contemporânea trazem ao entendimento e à formulação de conceitos sobre a juventude, situando o leitor no processo histórico da atuação e denominação da juventude. O olhar para a juventude advinha de uma perspectiva negativista e da problemática da transgressão. Nos anos 60 a temática da juventude obteve visibilidade pela necessidade de estudos sobre o nível de escolaridade num contexto de classe média, não envolvendo outros estratos sociais. Já nos anos seguintes as considerações e preocupações com crianças e adolescentes referiam-se à situação de risco social, sem considerar as diversas possibilidades de ser jovem, suas inclusões em projetos e práticas sociais. Estas concepções criavam na sociedade um sentimento ora de pânico ora de mobilização: “os jovens propriamente ditos ficaram fora do escopo das ações e do debate sobre direitos e cidadania” (Abramo, 2003, p.38-39). A partir dos anos 80

surgem novos atores sociais ligados aos setores populares e de manifestações culturais. Deste modo produziram-se modificações nos sentidos da juventude, surgindo aspectos como: uma duração maior desta etapa; abrangência para outros estratos sociais (que não só a classe burguesa); a experiência juvenil estende-se para o lazer e a cultura; processo de inserção em várias dimensões da vida: do trabalho, sexual e cultural. Abramo (2005) descreve a condição juvenil como uma etapa de ligação, e não de transição, entre a infância (primeira fase de desenvolvimento físico) e a primeira socialização (total dependência e necessidade de proteção) para a idade adulta (em tese o ápice do desenvolvimento e plena cidadania). O conceito de juventude nasce na sociedade moderna como um tempo a mais, modificando o olhar no que se refere a conteúdo, duração e significação social, tornando-se uma segunda etapa de socialização, inserindo atributos históricos e culturais à vida social. A existência desta segunda etapa de socialização na juventude fez surgir uma educação para jovens, voltada para uma formação de preparação para o futuro, adiando o exercício da cidadania.

Diferentemente do exposto acima, podemos observar no filme que os jovens representados pelos personagens, apresentam através do seu cotidiano uma necessidade urgente de dedicação ao trabalho e quase sem condições de frequentar a escola. Isso os impede de projetar para o futuro suas necessidades imediatas. A trama apresenta diversas formas de viver a juventude, embora os personagens jovens tenham em comum as situações de superação dos desafios do cotidiano, cada um vivencia realidades diferentes. Neste sentido podemos confirmar as tendências teóricas de Abramo (2005), Castro (2004), Groppo (2000) que fazem restrições aos conceitos universais e singulares sobre a juventude desconsiderando as condições sociais, econômicas, de gênero, classe e cultura. Propõem o sentido plural de ser jovem, e assim consideram os aspectos diferenciais e desiguais das condições das juventudes.

Pelo fato da sociedade contemporânea ser plural, complexa e nela estar inserida a juventude como categoria social fica evidente a necessidade de ao se falar de juventude considerar os aspectos específicos, do contexto social, econômico, cultural e histórico no qual os grupos estão inseridos. Por essa razão:

A juventude, como toda a categoria socialmente constituída, que atende a fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica, mas também tem que ser analisada, a partir de outras dimensões: aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais toda a produção social se desenvolve (Abramo, apud Margulis, 1996, pg.17)

Se pensarmos as condições de jovens que vivem em realidade de pobreza podemos perceber que muitos destes jovens concluem tardiamente o ensino médio, continuam morando com a família de origem e buscam decisões imediatas para suas necessidades urgentes. Conforme informações da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira: “os últimos 50 anos do séc. XIX produziram impactos significativos nas formas de experienciar as relações entre a idade e o próprio ciclo de vida” (Instituto Cidadania, 2003). A pesquisa informa assim que os jovens não seguem uma linearidade esperada como: estudar, trabalhar, casar, ter filhos e que as realizações e projetos juvenis são adquiridos de forma não cronológica, com rupturas e recomeço, fazendo com que os jovens possam parar de estudar por um tempo e depois voltar a estudar. Outras mudanças significativas decorrentes da complexidade do mundo social é a visão

negativa dos jovens sobre as instituições: estas não são mais referências significativas para conquistas pessoais.

3. O cotidiano da cidade e as cidades complexas

Os jovens, no filme, circulam pela cidade na tentativa de encontrar rotas mínimas para a sobrevivência (motoboy, frentista, ter vínculo religioso) e para dar sentido aos sonhos existenciais (ser jogador de futebol). Moradores de um bairro periférico, membros de uma família chefiada pela mãe – Cleuza, que luta para criar os filhos e mantê-los “na linha”, o filme destaca as diversas buscas operadas pelos jovens: contratação em clubes de futebol, como o personagem Dario; busca pela fé nos centros evangélicos, como Dinho; recursos para sustentar um filho não programado, por Denis; descobrir sua origem paterna, por Reginaldo. Neste sentido o mover-se na cidade tem sido citado por alguns teóricos como sendo fundamental na construção dos processos identitários. Conforme Sposito:

As novas formas de sociabilidade que se gestam entre os jovens, moradores dos bairros periféricos das grandes cidades, nascem principalmente da socialização no mundo da rua, suas esquinas e pontos de encontros, onde desenvolvem relações de amizade e lazer, enfrentando os mecanismos de violência urbana e vivem, na luta pela sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos (1994, p. 161).

Segundo Melucci (1996) as atuais tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil têm que ser entendidas a partir de uma perspectiva macro-sociológica, e simultaneamente, através da consideração de experiências individuais na vida diária. A idéia de um tempo biológico para a adolescência como um fenômeno puramente natural traz em sua oposição teorias, que vêm defini-la como categoria social, considerando os aspectos contextuais do ser jovem. Confirmando-se assim em citações como: “outra saída para a sociologia é a de enfatizar a relatividade do critério etário, pois a juventude, o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional, etc..” (Groppo, 2000. p.9)

Transitando pela cidade o jovem inicia-se numa aventura urbana que o desloca fisicamente e subjetivamente. Conforme Melucci (1996) a cidade contemporânea é cognominada quase sempre em referência à moderna. Chama-se sociedade pós-moderna, pós-industrial, complexa. Na cidade contemporânea, aqui sinônimo de sociedade complexa, se instalam três processos sociais fundamentais, a saber: diferenciação, variabilidade e excedência cultural. O processo de diferenciação se dá por existirem múltiplos espaços de experiências individuais e sociais que se organizam cada um através de lógicas diferentes, formas de relações, culturas, regras diversas de outras, linguagens que caracterizam cada um desses âmbitos. Assim cada espaço social constitui seus modelos de ação e se passarmos de um âmbito a outro não podemos transferir os modelos de ação do âmbito anterior, mas assumir um modelo de ação próprio do sistema no qual ingressamos.

A variabilidade dos sistemas, por sua vez, caracteriza a velocidade e a frequência das mudanças. Por conta da rapidez das mudanças não conseguimos transferir o modelo de ação porque o que serve para um tempo não serve para outro.

Por fim temos a excedência cultural, ou seja, um sistema complexo coloca para o indivíduo possibilidades de ação em quantidade excessiva, quando a capacidade de efetivação dessas ações por parte do indivíduo é bem menor.

Esses três elementos caracterizadores das sociedades complexas geram nos atores sociais uma permanente condição de incertezas, pelas decisões rápidas a ser tomadas, pelas exigências de superação constante.

. Se na modernidade os conflitos eram basicamente dois: de classes e de inclusão de categorias excluídas da cidadania, segundo Melucci(1996) no sistema complexo os conflitos ocorrem devido às impossibilidades de autonomia dos diversos atores sociais.

4. Juventude e subjetividade

Segundo Castro (2004) os modos de circulação são produções determinadas por condições de idade, grupos econômicos e sociais, como assim afirma; “ Para os jovens, principalmente, a circulação na cidade impõe-se como elemento de socialização e pertencimento ao grupo de amigos com os quais eles vão se incluir nos circuitos de lazer que a cidade oferece.”(Castro, 2004, pg. 78). Estamos diante da importância da mobilidade no processo de produção tanto material quanto simbólico que vai se adquirindo neste transitar.

Os jovens hoje, fruto das conseqüências do contemporâneo, defrontam-se com múltiplas experiências, colocando em teste seus ideais, conquista dos sonhos e princípios de valores. A motivação para agir nasce à medida que os indivíduos realizam suas práticas sociais numa época, apresentando características específicas das relações geracionais, e considerando os aspectos espaciais da cidade como interligados às ações dos indivíduos. Estes espaços citadinos, muitas vezes refletem relações desiguais, de poder e muitas vezes de invisibilidade, iniciadas desde a relação familiar: “a cidade reflete e materializa a vontade dos adultos, as crianças têm os espaços restritos, confinados a casa e a escola” (Castro,2004, p.73), no entanto as crianças quando do deslocamento, podem estar exercitando autonomia pelo distanciar-se dos vínculos seguros da casa, experimentando novos processos de construção identitária.

Voltando para a temática juvenil trazida pelo filme, a cidade não se apresenta como um mero espaço onde se desenrola a trama, mas ela é parte do significado. Ao transitar por ela, os personagens buscam a experiência da liberdade, fazem suas escolhas e vivenciam possibilidades de achar-se e perder-se neste todo de inter-relações. Neste sentido Castro (2004) traz uma contribuição nos estudos sobre os sentidos subjetivos do circular pela cidade, abordando as necessidades individuais de reconhecimento e de visibilidade na sociedade: “A angústia da invisibilidade prenuncia o aniquilamento da existência” (Castro, 2004, p. 165).

Durante toda a trama, existe uma linha que representa talvez situações limítrofes entre ser visível e invisível, de persistir em caminhos que se bifurcam em questões de legalidade e ilegalidade. Outro aspecto suscitado pelos personagens é o das situações em que a pressão para ser incluído os torna vulneráveis a novas condutas. Por um lado a fé através da religião vivida pelo personagem Dinho, amplia possibilidades de realizações, de se sentir incluído. O sonho de Dario de ser jogador de futebol revela a necessidade de ser visível, de poder ser aceito na sociedade. Por outro lado as inúmeras

possibilidades de experiências produzidas pelas cidades contemporâneas podem trazer para o indivíduo, o risco dele se perder em sua complexidade.

Todos os filhos da mãe, personagem Cleuza, convivem diariamente com conflitos surgidos entre um tempo interno, que é próprio, singular a cada um e um tempo externo, imposto pelos códigos e regras da sociedade. A formação do eu emerge das codificações produzidas no social, e para Melucci “as experiências se constroem a partir dos investimentos cognitivos, culturais e materiais” (1996, p.11).

As mudanças ocorridas na vida das pessoas moradoras das grandes cidades têm como um dos fatores essenciais a relação com o tempo. O tempo que é refletido pelo filme é descontínuo, veloz, em que as experiências podem ser reinventadas, à medida que novos signos se apresentam. Um sonho de ser jogador de futebol para Dario faz com que ele lute contra um tempo etário, e assim ultrapasse barreiras, criando novos códigos e infringindo normas, na tentativa efetiva de falsificar a idade. Parece que as exigências do mundo material, de conquistas profissionais estão distante das reais possibilidades, precisando de uma correlação entre o tempo de ser jovem e de assumir responsabilidades.

5. Invisibilidade X Visibilidade

No filme os personagens vivem conflitos: Dario ao se sentir frustrado por não passar em várias seleções para o clube de futebol, vivencia uma experiência de drogas com um grupo de classe social diferenciado da sua, levado pelo filho da patroa da sua mãe; o moto-boy, Denis, no convívio com outros experimenta a situação de assaltar motoristas no trânsito; e por fim o personagem Dinho vivencia enganar o seu patrão, dono do posto de gasolina que trabalha, alterando o valor na bomba de gasolina.

O filme retrata bem a realidade atual que podemos observar nos jovens quanto à necessidade de testar limites, de distinguir entre autonomia e marginalidade. Saber lidar com as mudanças rápidas, de redefinir a si mesmo, reverter decisões e escolhas são situações a que estão expostos os jovens na cidade contemporânea. No ápice da trama, os três irmãos vivenciam no cotidiano, possibilidades de mudar a forma de viver, de assumir a responsabilidade das decisões.

O motoboy envolvido com um assalto no trânsito, ao tentar fugir toma um homem como refém, e dentro do carro tem que decidir entre desistir da situação ou continuar nela. Outra situação é a do personagem evangélico em que após agredir o chefe terá que decidir sobre ser batizado conforme sua religião ou desistir. O sofrimento vivido pelos personagens reflete os conflitos que a sociedade contemporânea impõe às pessoas, e que à medida que o indivíduo tenta corresponder às exigências do contexto, busca um reconhecimento das suas ações na sociedade.

No livro Cabeça de Porco (Soares, Bill e Athayde, 2005) há vários episódios que retratam bem a vida dos jovens e sua dimensão humana no convívio com a violência nos diversos estados brasileiros. Em um deles, **Não filma que eu choro**, um jovem de 16 anos morador de uma boca de fumo diz; “minha vida não vale dinheiro nenhum; eu não vendo minha vida por nada, eu estou nessa para ganhar ou para perder, mas na fé, eu peço a Deus que até os 18 anos não aconteça nada comigo. Se eu sair da boca aos 18

anos minha ficha vai limpar e eu vou andar todo certo. Quando eles me virem, eu vou dizer: Opa, eu sou trabalhado” (Athayde, 2003, p. 138).

Uma passagem do filme remete à situação de necessidade de ser visto quando o motoboy pede para que o homem olhe para ele, e daí manda-o sair do carro.

Parece que no mundo da palavra se instala, por parte dos jovens, a impossibilidade do discurso completo, a fragmentariedade, a expressão partida, incoerente: a linguagem juvenil aproxima-se da perda parcial ou total da capacidade de compreender a palavra (Melucci, 2001, p. 102).

Outro aspecto que pude observar no filme é a relação da condição juvenil com a ação coletiva trazidas por Melucci (2001) nos seus estudos sobre os movimentos sociais atuais. Segundo ele, se faz necessário hoje, ao analisar a juventude separar a condição social da ação coletiva, identificar os problemas que os afligem e perceber os campos de conflitos. Não é possível se chegar a ação analisando a condição, pois é a estrutura de vida em sociedade que impossibilita, muitas vezes, o agir coletivo. No filme Linha de Passe são visíveis os campos de conflitos e a problemática em que os jovens de classe desfavorecida economicamente enfrentam, para citar primeiro, as desigualdades sociais apresentadas no momento em que Dario sai com os amigos do filho da patroa da sua mãe; e segundo, o distanciamento na relação escola e trabalho, em que as vivências de emprego surgem por necessidade imediata. Os personagens refletem uma condição juvenil sem inserções coletivas, as ações são isoladas, desafiando as pesquisas sobre a juventude, no tocante a investigações sobre os potenciais juvenis para ação coletiva em antagonismos.

A partir dos estudos apresentados por Melucci (1996) fica claro que as transformações ocorridas na sociedade contemporânea trazem mudanças no que se refere às ações juvenis, que antes eram pautadas em ações políticas e de manifestações contestatórias. Os jovens hoje se reúnem num agir coletivo pelos interesses dos grupos de pares, diversificando suas inserções em grupos a partir de interesses variados. Os movimentos sociais também modificaram sua forma de agir, de organização e mobilização. Podemos observar jovens inseridos em grupos que lutam pela arte, pelo meio ambiente, contra a discriminação social, por políticas de saúde, e pelo direito a ser diferentes, como se pode vê na afirmação:

Devido a sua complexidade, na sociedade moderna originam-se vários tipos de grupos e agências dirigidas a juventude, não sendo possível encontrar nenhuma organização unitária dos grupos etários nas sociedades modernas, ao contrário do que ocorreu na maioria das sociedades históricas e em todas as sociedades primitivas. (Groppo, 2000, p. 42).

De forma ampla o filme além da temática juvenil, faz alusão às mulheres que criam seus filhos no anonimato paterno, mas que através de uma educação afetiva, torna as decisões referendadas. Parece que a mãe tem um papel importante quando os jovens fazem suas escolhas impedindo a inserção deles no mundo da marginalidade, seja pelas drogas ou pelo crime. No filme vimos uma relação familiar onde a conduta da mãe é de manter os filhos no controle, assumindo postura de firmeza e autoridade. Todos os filhos se relacionam afetivamente, com demonstração de cuidado e preocupação uns com os outros. Parece que o perigo está lá fora, na cidade, dentro de casa o espaço é de segurança, o porto seguro. Talvez a falta deste ambiente familiar fraterno pudesse ter influenciado negativamente as opções dos personagens, ao se depararem com as

situações limites. No episódio já antes citado **Não filma que eu Choro** o jovem de 16 anos diz:

Eu sou puro, sou legal, eu não tinha necessidade de ficar na vida do crime. Eu queria o amor de uma tia, de uma mãe, isso que eu nunca tive, o amor de uma família, que quando eu precisasse para conversar, ela estivesse lá, viesse conversar comigo. Mas eu nunca tive. Se eu tivesse uma família para conversar, eu não estaria nesta vida não, não estaria não. Desculpa aí, eu não queria chorar não, não filma que eu chorando, não, filma não. (Athayde, 2005, p. 139)

As diferentes formas de viver a juventude, de ir em busca das suas necessidades, faz da cidade um lugar de representações simbólicas, sociais e físicas, onde se constroem as condições pessoais para o viver. O sentido de reconhecimento em que os jovens apontam como necessidade cidadã e muitas vezes ignorados pelos órgãos públicos, no tocante a ausência de oportunidades congruentes com as reais necessidades da juventude, pode ser entendida como sendo uma necessidade de auto-valorização e respeito pelas diferenças. No processo de socialização, a partir das recentes pesquisas e estudos até aqui abordados neste artigo podemos perceber que a cidade oferece nem que seja em dimensões simbólicas um sentido de pertencimento para a juventude.

6. Considerações finais

Por fim o filme *Linha de Passe* no seu final, não nos deixa respostas concretas de que decisões os personagens vão tomar, suscitando duas possibilidades de escolhas, num antagonismo de situações. Mas deixa possibilidades de reflexões sobre as condições de superação dos limites, capacidade de produzir soluções ao se defrontarem com as experiências do cotidiano, onde a cidade representa esta tensão entre as situações sociais, étnicas, econômicas e históricas. Para lembrar: “Assim, espaço e ação estão entrelaçados, o que nos ajuda a ver que os deslocamentos pela cidade criam interações entre as pessoas, seja reforçando-as, seja inovando-as” (Castro, 2004, pg.73) e para contribuir, deformando-as.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martori. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

CASTRO, Lúcia Rabello; **A aventura urbana: crianças e jovens no rio de janeiro**. Fotografia Carolina Lampreia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Young. Trad. Angelina Peralva. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.

_____ **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALLES,Walter;THOMAS,Daniela. **Filme Linha de Passe.** 2008

SOARES, Luiz Eduardo; MV Bill, ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco.** Rio de janeiro: Objetiva, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua:** novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo social; Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).